

---

## **O Preconceito na Cobertura das Paralimpíadas: um estudo de caso da Agência Brasil<sup>1</sup>**

Marília Mesquita FALCÃO<sup>2</sup>

Nataly de Queiroz LIMA<sup>3</sup>

Centro Universitário Maurício de Nassau (Uninassau), Recife, PE

### **RESUMO**

Este artigo, resultado de uma monografia de conclusão de curso, buscou identificar se houve preconceito na cobertura dos Jogos Paralímpicos Rio 2016, a partir da análise de matérias jornalísticas publicadas no portal de notícias da Agência Brasil, oficial dos jogos, em setembro de 2016. Para análise dos dados, recorreu-se à análise de conteúdo buscando destrinchar detalhes de cada publicação. Com base nos resultados encontrados, foi possível identificar que as expressões mais utilizadas indicam uma postura inclusiva. Por outro lado, em alguns textos ainda se identifica terminologias não mais recomendadas. Acredita-se que a mudança está em curso e espera-se que, futuramente, as produções jornalísticas estejam em total concordância com o paradigma da inclusão social.

**PALAVRAS-CHAVE:** jogos paralímpicos; preconceito; cidadania; jornalismo; mídia.

### **INTRODUÇÃO**

Os Jogos Olímpicos caracterizam-se como um evento multiesportivo, com escala mundial, que reúne atletas de várias nações para disputar as mais diversas modalidades esportivas. Na antiguidade, estes jogos eram relacionados com práticas religiosas, tinham uma forte simbologia com a mitologia e adoração aos Deuses do Olimpo. (KESSOUS, 2016)

Ao longo dos anos, este evento despertou a curiosidade dos mais diversos estudiosos. Na visão de Godoy (1996, p.53), “não é possível precisar quando e porque os Jogos Olímpicos foram instituídos, apesar de oficialmente serem considerados como os primeiros Jogos Olímpicos da antiga Grécia, realizados em 776 a.C”. Os Jogos Olímpicos da Era Moderna, por sua vez, foram recriados pelo francês Pierre de Frédy,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ07 – Comunicação, Espaço e Cidadania da Intercom Júnior – XVI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Jornalismo do Centro Universitário Maurício de Nassau (Uninassau), concluinte em 2020.2 e-mail: [mariliamesquitaf@gmail.com](mailto:mariliamesquitaf@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Centro Universitário Maurício de Nassau (Uninassau), e-mail: [queiroz.nataly@gmail.com](mailto:queiroz.nataly@gmail.com)

---

conhecido como Barão de Coubertin. Segundo Silva (2002, p.276), Coubertin tinha a intenção de tornar os esportes universais ao organizar os Jogos Olímpicos da Era Moderna.

Com o surgimento mais recente, os Jogos Paralímpicos é o maior evento esportivo mundial que envolve pessoas com deficiência motora e intelectual, tendo precedentes que impulsionaram o esporte adaptado após a Segunda Guerra Mundial. Ludwig Guttmann, neurocirurgião alemão, fundador do “Stoke Mandeville Hospital” em 1944, foi considerado o idealizador do movimento paralímpico. Ele tratava dos ex-militares da guerra que sofreram lesões, em sua grande maioria, na coluna vertebral. De acordo com o Comitê Paralímpico Internacional, visando ajudar e reabilitar essas pessoas, tanto médica quanto socialmente, o doutor organizou, no dia 29 de julho de 1948, na Inglaterra, os “Stoke Mandeville Games” que posteriormente se tornaram os Jogos Paralímpicos. Embora esta tenha sido a primeira competição para atletas deficientes em maior amplitude, foi apenas a partir de 1960, em Roma, que os Jogos Paralímpicos se tornaram mundialmente oficiais, sendo realizados a cada quatro anos.

No que diz respeito à cobertura midiática dos megaeventos esportivos, envolver o público é um fator predominantemente buscado pelas empresas de comunicação. Capaz de despertar sentimentos intensos de paixão, o esporte em si possui significado muito mais amplo do que aquilo que é visto. Sendo considerado um fenômeno sociocultural e educacional, ele abrange as mais diversas modalidades. A mídia, por sua vez, contribui para a disseminação e transmissão do simbolismo do que é esporte, que é retratado de forma geral como um ‘grande espetáculo’.

Ao transmitir o maior evento esportivo em escala mundial, o jornalismo cresce ainda mais, seja com coberturas ao vivo durante todos os dias, como foi o caso dos Jogos Olímpicos de 2016, no Rio de Janeiro, ou até mesmo as matérias que foram feitas durante os jogos, criando assim um imaginário e uma expectativa no público. Por outro lado, como apontado por Pereira (2016), o espaço ao paradesporto não mudou, se comparado com outras edições, principalmente no que se diz respeito à TV aberta. Os Jogos Paralímpicos tendem a ficar em segundo plano, passando, em sua maioria, apenas os melhores momentos dentro dos telejornais das grandes emissoras.

Assim, o objetivo do presente artigo foi compreender se o fenômeno do preconceito foi expresso na cobertura dos Jogos Paralímpicos Rio 2016 a partir da

---

análise de matérias jornalísticas publicadas no portal de notícias da Agência Brasil. Mais especificamente, o estudo se dedicou a identificar se houve estereótipos ou relatos de discriminação acerca dos atletas paralímpicos na cobertura midiática da ABr; analisar como os recursos semânticos e sintáticos das matérias foram empregados para apresentar o evento internacional; identificar se há ou não o apelo afetivo nos materiais jornalísticos produzidos pela Agência Brasil.

## **PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO**

No intuito de alcançar os objetivos deste estudo, foi realizada uma pesquisa qualitativa, utilizada principalmente em “pesquisas definidas como estudos de campo, estudos de caso, pesquisa-ação ou pesquisa participante” (GIL, 2008, p.175). A importância do olhar analítico é extensa, visto que é uma das possibilidades que vem ganhando destaque no que se diz respeito ao estudo dos fenômenos que contemplam os humanos. A análise qualitativa “não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques” (GODOY, 1995, p.21).

Essa modalidade de pesquisa é necessária pois trabalha com o núcleo social, podendo abranger significados, motivações, valores, aspirações e atitudes. Segundo Minayo (2014, p.57), a abordagem qualitativa “tem fundamento teórico, além de permitir desvelar processos sociais ainda pouco conhecidos referentes a grupos particulares, propicia a construção de novas abordagens, revisão e criação de novos conceitos e categorias durante a investigação”.

No que diz respeito ao delineamento da pesquisa, foi realizada uma pesquisa documental, tendo como fontes matérias jornalísticas do site da Agência Brasil. De acordo com Gil (2008), a pesquisa documental possui semelhanças com a pesquisa bibliográfica, contudo, diferentemente desta (que recorre às contribuições de autores sobre determinados temas), a pesquisa documental utiliza materiais que ainda não receberam tratamento analítico.

O site da Agência Brasil foi analisado, considerando ser um veículo de comunicação pública e que conta com um acervo significativo de informações sobre o período das Paralimpíadas Rio 2016. A TV Brasil, neste período, trouxe como seu

---

slogan “*O canal das Paralimpíadas*”, sendo responsável por trazer uma cobertura extensa sobre os Jogos.

Para identificação dos conteúdos jornalísticos, foram utilizadas, no campo de busca do site, as palavras-chave “atleta paralímpico” e “atletas paralímpicos”. Considerando setembro de 2016, o período para análise foi dividido entre os dias 06 e 07, que mostram as expectativas e o início da competição; 12 e 13, por contemplarem o meio dos Jogos Paralímpicos; e 18 e 19, referentes aos momentos finais do evento. Dessa forma, contemplou-se os materiais divulgados em uma linha temporal, contando com um dia antes da cerimônia de abertura e um dia após a finalização dos Jogos. Como critérios de inclusão foram consideradas apenas materiais textuais divulgados no período referido acima. Houve a exclusão de matérias repetidas ou em outras línguas. Durante o percurso de refinamento e delimitação, foram encontrados 45 conteúdos a serem destrinchados.

De acordo com Laurence Bardin (1977, p.38), a análise de conteúdo refere-se a “um conjunto de técnicas de análise das comunicações”. Além disso, a pesquisa qualitativa, traz a “presença ou ausência de uma dada característica de conteúdo ou de um conjunto de características num determinado fragmento de mensagem que é tomado em consideração.” (BARDIN, 1977, p.21). Considerou-se as categorias de análise: tema da publicação, categorias textuais, fontes do texto, recursos *online*, terminologias, adjetivos, apelos afetivos e mundo sem preconceito.

## **INCLUSÃO PELO ESPORTE: A HISTÓRIA DAS PARALIMPÍADAS**

Como apontado por Andrew Parsons e Ciro Winckler (2012), os esportes destinados às pessoas com deficiência iniciaram entre o final do século XIX e o começo do século XX. A idealização das práticas dos esportes adaptados, que na época aconteciam de forma momentânea, foram fomentadas por pessoas com deficiência auditiva “que, em 1924, já tinham sua federação, o Comitê Internacional de Esportes para Surdos – CISS (...) e os Jogos denominados Deaflympics ou Jogos do Silêncio.” (PARSONS; WINCKLER, 2012, p.3).

O Esporte Paralímpico, por sua vez, é um fenômeno que surgiu mais recentemente, na década de 1940, no contexto do processo de reabilitação dos soldados que foram lesionados durante o período da Segunda Guerra Mundial, como

---

detalharemos logo mais. Os primeiros Jogos de Stoke Mandeville coincidiram com o dia da cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de Londres, no ano de 1948. Já nos Estados Unidos, em 1946, foram realizadas as primeiras competições de basquete com cadeira de rodas. Esses confrontos eram organizados entre diversos hospitais, juntamente com associações de veteranos de guerra.

A internacionalização da competição teve seu ponto de partida em Roma, no ano de 1960, quando teria sido realizada a nona edição dos Jogos Internacionais de Stoke Mandeville, posteriormente sendo considerada como a primeira dos Jogos Paralímpicos. “A nomenclatura dos Jogos e do Movimento seria definida apenas em 1988, no evento realizado em Seul (...)” (PARSONS; WINCKLER, 2012, p.4). Apesar de ter adotado a ideia de seguir a mesma periodicidade dos Jogos Olímpicos, o modelo de utilização da mesma cidade sede não foi tão eficaz no início, acontecendo apenas durante as duas edições dos Jogos Paralímpicos (1960 e 1964), voltando a ocorrer depois de 34 anos, na cidade de Seul, Coreia do Sul.

Com o passar dos anos, o esporte para pessoas com deficiência foi ganhando força, assim como os Jogos Paralímpico se tornaram mais profissionais, sendo necessário implementar melhorias “nos sistemas de classificação, aperfeiçoamento de técnicos, treinamentos, regras e arbitragem” (SCHEID; ALVES, 2012, p.35). Com a evolução gradual, o entendimento sobre o evento ganha relevância.

O período entre 1988 e 1992, segundo Bailey (2008), foi da era da “Construção de pontes e não de muros”, em decorrência da necessidade de consolidação do Movimento Paralímpico. Os elementos marcantes desse processo foram o estabelecimento de um sistema de classificação, a transição da gerência do movimento paralímpico do ICC para o IPC, a consolidação dessa entidade frente ao Comitê Olímpico Internacional – COI e a retomada das Paralimpíadas como um evento paralelo aos Jogos Olímpicos. (BAILEY, 2008 apud PARSONS; WINCKLER, 2012, p.6).

O movimento paralímpico foi crescendo, ganhando força ao longo dos Jogos, despertando interesse e curiosidade de muitos. Por quebrar recordes e escrever novas histórias, os atletas paralímpicos passam a ganhar uma notoriedade ainda maior, não apenas do público que acompanha as modalidades presentes no evento, mas também dos veículos de comunicação.

## **A MIDIATIZAÇÃO DAS PARALIMPÍADAS**

---

A cobertura dos megaeventos esportivos tem crescido. São marcos mais recentes, a Copa do Mundo FIFA de 2014 e dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos, no Rio de Janeiro, em 2016. Os megaeventos são caracterizados por sua “grandiosidade em termos de público, mercado alvo, nível de envolvimento financeiro do setor público, efeitos políticos, extensão de cobertura televisiva, construção de instalações e impacto sobre o sistema econômico e social da sociedade anfitriã.” (HALL apud TAVARES, 2011, p.17).

Apesar do número significativo de canais que cobriram estes Jogos Paralímpicos, é notória a diferença de interesse quando se comparado aos Jogos Olímpicos. O mesmo se repetiu ao longo dos anos, visto que, por mais que o movimento cresce gradativamente, o impacto na cobertura ainda não é o mesmo.

Durante as Paralimpíadas do Rio 2016, A Rede Globo fez um acordo comercial, cedendo o sinal de transmissão dos Jogos Paralímpicos para a TV Brasil, que se tornou a única emissora da tv aberta a transmitir estes jogos ao vivo, enquanto as demais focaram-se em trazer a cobertura jornalística do evento. Nos canais fechados, os Jogos Olímpicos tiveram 16 canais, todos provenientes do SporTV, já nas Paralimpíadas a cobertura foi bem mais simplificada, contando com apenas 4 canais.

Após o fim dos Jogos Paralímpicos Rio 2016, houve um grande debate sobre a falta de apoio financeiro, onde foi destacado o descaso de grande parte das empresas no que se diz respeito aos jogos adaptados. A Revista Exame publicou uma matéria produzida por Aline Scherer (2016) pontuando que “das 60 empresas patrocinadoras, apoiadoras ou fornecedoras oficiais da Olimpíada, apenas 28 decidiram associar suas marcas aos Jogos Paralímpicos”<sup>4</sup>. Isso aconteceu pelo fato de que, diferente das outras edições das Olimpíadas, em 2016 não houve a obrigatoriedade de apoiar ambos eventos.

## **O JORNALISMO E A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO PRECONCEITO**

Após a popularização dos jornais, a prática jornalística passou a ser cada vez mais comum e a expansão desse veículo de comunicação se tornou inevitável. No contexto geral, “dois processos fundamentais marcaram a evolução da atividade jornalística 1) a sua comercialização e 2) a profissionalização dos seus trabalhadores.” (TRAQUINA, 2005, p.35).

---

<sup>4</sup> SCHERER, Aline. **Patrocínio à Paralimpíada foi tropeço do Rio-2016**. Revista Exame, São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://exame.com/revista-exame/patrocinio-a-paralimpiada-foi-tropeco-do-rio-2016/>> Acesso em: 23/05/2020.

---

Com o advento da globalização, a prática jornalística se transformou. O papel do jornalismo para a sociedade passou a ser cada vez mais importante. O termo “sociedade da informação” surgiu no século XX, na tentativa de explicar o mundo contemporâneo em que estava ganhando forma, tentando explicar a sociedade pós-industrial. A chegada da internet revolucionou a sociedade de modo geral, conectando o mundo. O fenômeno da globalização passou a impactar a vida social em seus mais diversos âmbitos, como por exemplo na política, economia, esportes, direitos humanos, artes e comunicação.

O papel do jornalismo foi se desenvolvendo, e para além de informar, o jornalista interpreta e traduz, visando se fazer entender por todos os que buscam notícias sobre o mundo. A mídia por sua vez, é a detentora dos símbolos utilizados na construção da realidade social, John B. Thompson fala sobre a “mundanidade mediada”, que afirma ser criado pela mídia: (2001, p.38): “nossa compreensão do mundo fora do alcance de nossa experiência pessoal, e de nosso lugar dentro dele, está sendo modelada cada vez mais pela mediação de formas simbólicas”.

O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros pontua que “o direito fundamental do cidadão à informação, que abrange seu o direito de informar, de ser informado e de ter acesso à informação” (2007, Art. 1º). Além disso, ressalta-se que “o exercício da profissão de jornalista é uma atividade de natureza social e de finalidade pública (...)” (2007, Art. 3º), sendo assim, o profissional deve estar atento às suas responsabilidades e seus deveres.

O preconceito, por sua vez, é um fenômeno antigo que diz respeito a uma “atitude hostil ou negativa, direcionada a pessoas de um grupo específico, baseada apenas no pertencimento a esse grupo” (ARONSON, WILSON; AKERT, 2018, p.276). O preconceito é visto como um olhar tipificado e simplista, no qual desconsidera-se a subjetividade de cada um, direcionando assim, um prejulgamento sobre uma pessoa ou determinado grupo. O fenômeno surge da intolerância e é manifestado de diversas formas, podendo ter relação com as classes sociais, identidade gênero, nacionalidade, características físicas, orientação sexual, crenças e/ou opiniões de modo geral.

De acordo com Lima (2013), as linhas fundamentais que viriam a definir as principais perspectivas em torno do tema preconceito foram traçadas na década de 50 por Gordon Allport, um psicólogo social cognitivista, que considerava o preconceito como “atitude de prevenção ou hostilidade dirigida a uma pessoa que, por pertencer a

---

um grupo socialmente desvalorizado, é considerada representante das qualidades desagradáveis”. (ALLPORT *apud* LIMA, 2013, p.593).

Diferentes teorias tentaram explicar o preconceito e a agressão decorrente dele. A Teoria da Frustração-Agressão, afirmava que a frustração mediante impedimento de alguma atividade ou o sentimento de ser frustrado levava à agressão. Esta teoria teve como pano de fundo o contexto de humilhação política e a frustração econômica da Alemanha, pós Primeira Guerra Mundial e Segunda Guerra Mundial, que teve início em 1939. Após a Segunda Guerra Mundial, Adorno propõe a Teoria da Personalidade Autoritária, enfatizando aspectos psicológicos, a partir da psicanálise. De acordo com essa teoria, o preconceito era fruto de uma personalidade autoritária, construída na infância, a partir de traços como respeito e obediência exagerada a figuras de autoridade, obsessão por hierarquias de poder e status, intolerância à ambiguidade ou incerteza, necessidade por situações rigidamente definidas e dificuldades na realização pessoal. A Teoria da Aprendizagem Social e os estudos sobre conformidade argumentava que os estereótipos e preconceitos eram aprendidos e que o preconceito se relaciona aos processos de influência social, tendo em vista a pressão social para seguir normas sociais dos grupos que incluem atitudes preconceituosas (RODRIGUES; ASSMAR; JABLONSKI, 2013).

O preconceito com as pessoas com deficiência também é um tema que possui diversos desdobramentos e merece ter uma visibilidade maior, aprimorando discussões que possam fazer refletir ainda mais sobre inclusão social. A visão da sociedade para com essas pessoas se baseia no sentimento de estranheza em um primeiro contato, como apontado por Silva (2006). Ela comenta que essa sensação pode ser mantida ao longo do tempo, a depender da interação e dos componentes que permeiam essa relação. O corpo deficiente, por ser fora do padrão imposto pela indústria cultural, é visto como um corpo sem saúde, fazendo com que as pessoas tenham a ideia de que tais portadores de deficiência não levam uma vida saudável justamente por causa das suas limitações.

O preconceito às pessoas com deficiência configura-se como um mecanismo de negação social, uma vez que suas diferenças são ressaltadas como uma falta, carência ou impossibilidade. A deficiência inscreve no próprio corpo do indivíduo seu caráter particular. (SILVA, 2006, p.426).

---

Compreende-se que os veículos de comunicação podem contribuir para a disseminação do preconceito. “O preconceito e a discriminação são a base da exclusão” (BIELER apud VIVARTA, 2003, p.33), a diminuição do preconceito e a inclusão de pessoas pertencentes aos grupos minoritários só acontecerá com sucesso se for trabalhado por toda a sociedade, em conjunto. Ressalta-se assim, a importância do papel da mídia no processo de construção de outras realidades.

## **A AGÊNCIA BRASIL E A COBERTURA DAS PARALIMPIADAS**

A Agência Brasil (ABr) é uma agência de notícias criada em 1990, durante o governo de Fernando Collor de Mello. O intuito de sua fundação, como explicado em uma reportagem especial comemorativa dos 30 anos, produzida por Gilberto Costa (2020), se deu, segundo o ex-presidente Fernando Collor, pelo governo ter como desejo a “modernização de todos os aspectos da vida nacional, sobretudo na questão da sua administração”<sup>5</sup>.

A Agência Brasil tem como ideal trazer uma cobertura diversa, produzindo textos jornalísticos de impacto nacional e mundial. A veiculação e distribuição dos conteúdos elaborados ocorrem de forma gratuita na internet, por meio do site *agenciabrasil.abc.com.br*.

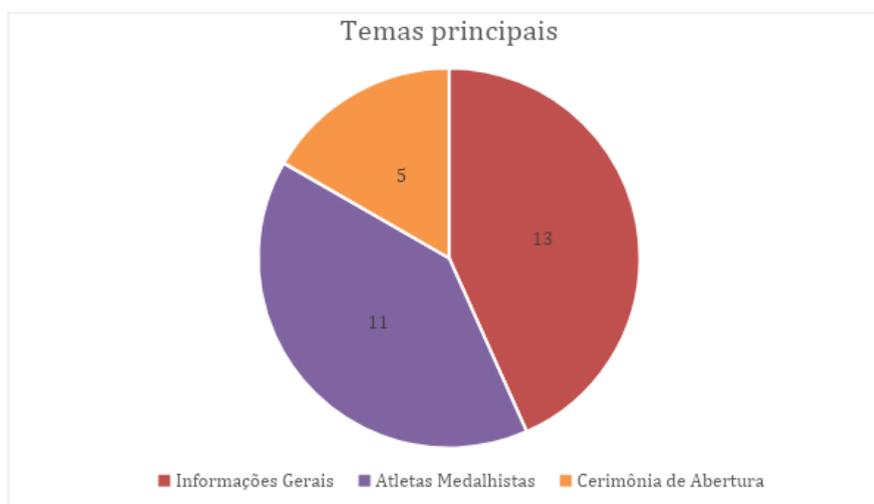
A análise dos materiais textuais da ABr buscou investigar alguns aspectos ou categorias temáticas, algumas definidas *a priori* e outras provenientes do processo analítico, como: tema da publicação, categorias textuais, fontes do texto, recursos *online*, terminologias, adjetivos, apelos afetivos e mundo sem preconceito.

No que diz respeito aos temas das notícias, identificou-se, ao total, 45 assuntos. Dentre eles, destacam-se: informações gerais sobre o evento (13); atletas medalhistas (11) e a cerimônia de abertura (5). Além desses temas também se constatou assuntos como: histórias dos atletas (3); recepção dos atletas (2); investimento financeiro (2); público nas parolimpíadas (2); inclusão (2) e o revezamento da tocha (2). Nos materiais jornalísticos analisados, também é importante citar os textos com temática geral única, fraude (1); mensagem do Papa (1) e a cerimônia de encerramento (1).

---

<sup>5</sup> COSTA, Gilberto. **Agência Brasil completa 30 anos com destaque para prestação de serviço**. Agência Brasil, Brasília, 2020. Disponível em: <<https://agenciabrasil.abc.com.br/geral/noticia/2020-05/agencia-brasil-completa-30-anos-de-prestacao-de-servico>> Acesso em: 26/11/2020.

Figura 1 – Temas principais abordados nos conteúdos.



Fonte: Marília Falcão | Autora do artigo.

As informações gerais sobre o evento versam sobre o Brasil nas Paralimpíadas, trazendo números de participantes da delegação e expectativas para o evento. As notícias que versam sobre esse tema também mostram alguns detalhes sobre a cerimônia de abertura. Para além disso, também há textos sobre a segurança do local, as estreias de países e atletas em determinadas modalidades, vitórias e derrotas dos times e os melhores momentos das Paralimpíadas Rio 2016. As publicações sobre os atletas medalhistas relatam as vitórias, que em sua grande parte são do Brasil. Nesses materiais são utilizadas as citações e/ou descrições sobre provas e resultados, ressaltando o atleta paralímpico vitorioso, o ineditismo de algumas medalhas e a quebra de recordes.

Apenas duas publicações dedicam-se exclusivamente ao debate sobre preconceito e a necessidade de inclusão. Contudo, em uma delas, enfatiza-se o contexto do trabalhador com deficiência. A segunda publicação busca discutir o tema preconceito e inclusão das pessoas com deficiência, recorrendo às falas dos atletas. Embora nem todas as notícias se dediquem a esse tema, os atletas, quando entrevistados, costumam comentar sobre o preconceito e a necessidade de inclusão em outros materiais.

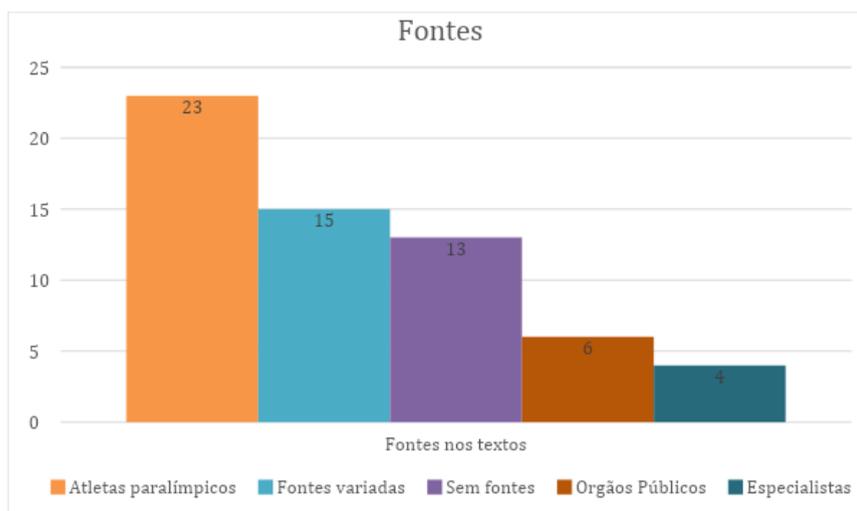
Tendo em vista a importância da mídia na diminuição do preconceito, como pontuado por Veet Vivarta (2003, p.6), que comenta que “apenas com envolvimento dos diversos setores da sociedade em um debate continuado sobre as questões centrais relacionadas à deficiência será possível reverter o impacto dessa herança discriminatória”, esperava-se que houvesse mais publicações que promovessem

reflexões acerca desse assunto, além de um aprofundamento maior, já que as várias falas dos atletas apontam para a importância e a necessidade de aprofundar o debate.

As categorias textuais, fator importante ao levarmos em conta a produção jornalística, foram analisadas de acordo com cada texto, e contou com (40) matérias e apenas (5) reportagens. Percebe-se que no contexto dos materiais produzidos pela Agência Brasil (ABr) nas Paralimpíadas Rio 2016, existem narrativas de forma especialmente descritivas, sem suscitar debate aprofundado sobre preconceito ou inclusão. É importante aclarar que a ABr costuma trazer um jornalismo declaratório, que se define por focar na “simples coleta de declarações” (COLLING, 2006, p.3) com mais frequência que o habitual, e não se aprofundando nos temas como um todo, trazendo assim, poucos significados para a notícia.

Buscando compreender melhor sobre os materiais jornalísticos publicados na linha temporal durante as Paralimpíadas Rio 2016, as fontes do texto também foram analisadas. Constatou-se que dentre as análises dos 45 materiais, as fontes contempladas foram: atletas paralímpicos (23); fontes variadas (15); sem fontes no texto (13); órgãos públicos (seis); especialistas ligados às paralimpíadas (quatro).

Figura 2 – Fontes encontradas no texto.



Fonte: Marília Falcão | Autora do artigo.

Importante ressaltar o número de atletas entrevistados, no sentido de dar voz a esses sujeitos, permitindo a abertura à discussão sobre o preconceito. As fontes variadas

---

incluíram especialistas de outras áreas, mãe de pessoa com deficiência, empresários, dentre outros. Se, por um lado, foi concedida a fala a vários atletas, por outro observa-se que em 13 materiais jornalísticos não houve fontes. De acordo com Santos (2006, p.10), “o jornalista é o profissional que recolhe informação e produz notícias, e a fonte de informação é o agente que promove um acontecimento e o faz tornar notícia, através dos contactos com o jornalista”.

Em relação à presença ou ausência de recursos online, a Agência Brasil apresentou em alguns de seus materiais fotos, hiperlinks e vídeos. Dentre os materiais analisados, foi possível identificar 37 publicações com uma a duas fotos; quatro publicações apresentando entre três a cinco fotos e mais que cinco fotos apenas uma vez. Também foi possível identificar que três publicações tinham links quebrados ou não tinham fotos. Sobre hiperlinks, 13 materiais continham de um a três; três materiais, de três a cinco e mais de cinco materiais, apenas um. Ainda vale informar que 28 matérias foram publicadas sem a utilização desses hiperlinks. Por fim, apenas três materiais continham vídeos.

Constata-se que grande parte do material analisado possui fotos (43), o que contribui para chamar a atenção do leitor sobre a questão tratada. Quase a metade (21) das publicações possuíam hiperlink, embora apenas três delas tivessem vídeo, o que contribui para o aprofundamento sobre o tema tratado.

Analisando as terminologias empregadas nesses materiais, é possível destacar a presença da palavra “atletas” em 30 publicações; “atleta paralímpico” ou “atletas paralímpicos” em 15; “atleta com deficiência” ou “atletas com deficiência”, em sete; “paratleta” ou “paratletas” em cinco. Outros termos apareceram apenas uma vez, como: “atletas da delegação”, “corredora cega”, “atleta cadeirante”, “atletas com síndrome de Down”, “deficiente visual” e “atletas do paradesporto”, “deficientes mentais”, “deficientes intelectuais”, “paralisados cerebrais”.

A forma de se referir a alguém pode expressar a visão que se tem sobre essa pessoa. Nesse sentido, a utilização de termos adequados torna-se importante para a construção de uma sociedade inclusiva. Como afirma Vivarta, o rigor com os conceitos está intimamente ligado à atenção com a linguagem. “A mudança de mentalidade deve estar atrelada à terminologia.” (VIVARTA, 2003, p.34).

---

No contexto dessa pesquisa acredita-se que as expressões mais utilizadas indicam a adoção de uma postura inclusiva. Entretanto, em alguns textos ainda se identifica terminologias não mais recomendadas como “paralisados cerebrais”, “deficientes mentais” e “deficientes intelectuais”.

Uma fraude cometida por atletas da delegação da Espanha durante a Paralimpíada de Sydney, em 2000, fez com que os **atletas com deficiência intelectual** ficassem de fora das disputas mundiais por 12 anos. A farsa, considerada um dos grandes escândalos do esporte mundial, até hoje prejudica esses **atletas**, que estarão disputando medalhas na Paralimpíada do Rio de Janeiro, mas com participação reduzida [...] Neste ano, os **atletas com deficiência intelectual** vão participar de provas na natação, no atletismo e no tênis de mesa. [...] Para Di Cunto, a decisão de banir os **atletas com deficiência intelectual** de jogos mundiais foi injusta. [...] Segundo o dirigente, a classificação dos **deficientes intelectuais** no paradesporto exige laudos de psicólogos para comprovar a deficiência. (CRAIDE, 2016)<sup>6</sup>

Ao longo da análise dos materiais jornalísticos percebeu-se, com frequência, o uso de apelos afetivos para compor a narrativa paralímpica, seja por meio do texto em si ou de frases que foram ditas por fontes que retratam a história da deficiência (cinco), assim como a dos relatos de esforço (três), superação (dois) e história de vida (dois).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo pretendeu trazer uma reflexão à classe jornalística e à sociedade, de um modo geral, sobre a importância do esporte paralímpico, enfatizando a necessidade de um novo olhar na cobertura midiática deste megaevento esportivo. Por meio desta pesquisa foi possível perceber que, apesar das mudanças relacionadas à questão do preconceito direcionado às pessoas com deficiência, no contexto da paralimpíada, ainda se constata estereótipos que contribuem negativamente para a inclusão social. É de extrema importância que debates sobre o preconceito se tornem mais frequentes, assim como a reflexão sobre a necessidade de combatê-lo.

Os veículos de comunicação possuem uma grande relevância no que se diz respeito à quebra de paradigmas, mas se a mídia segue a mesma linha do senso comum, dificilmente haverá mais debate sobre essa questão. Apesar de não determinar opiniões

---

<sup>6</sup> CRAIDE, S. **Fraude cometida há 16 anos em Paralimpíada ainda prejudica atletas**. Agência Brasil, Brasília, 2016. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/rio-2016/noticia/2016-09/fraude-cometida-ha-16-anos-em-paralimpiada-ainda-prejudica-atletas>> Acesso em: 05/11/2020.

---

ou comportamentos, a mídia é indispensável na construção da realidade. Tendo grande influência na sociedade de modo geral, os veículos de comunicação agendam debates, trazendo questionamentos e reflexões ao mostrar recortes de diversos fatos ocorridos diariamente.

Ao adentrar no âmbito esportivo, os veículos de comunicação tendem a se basear na paixão que a ele é atribuído, trazendo assim um tom espetacularizado. Durante os Jogos Olímpicos, as grades televisivas são alteradas, transmissões são feitas em tempo real, debates sobre as mais diversas modalidades e reportagens exclusivas contemplam o momento, fazendo com que o grande público viva intensamente essa experiência a cada quatro anos. Muitos personagens são criados na intenção de fortalecer o imaginário dos grandes heróis. Por outro lado, a cobertura dos Jogos Paralímpicos tende a ser reduzida. Apesar de ter ganhado força durante os últimos anos, a visibilidade na cobertura é significativamente menor e as narrativas têm suas diferenças. A literatura que aborda o tema preconceito e mídia têm pontuado a existência do preconceito na cobertura midiática, principalmente pelo reforço a determinados estereótipos. Considerando que o preconceito pode estar voltado aos atletas paralímpicos, a presente pesquisa buscou responder como esse fenômeno (preconceito) se expressa na cobertura midiática dos Jogos Paralímpicos Rio 2016. Por fim, tendo em vista os dados analisados, acredita-se que a mudança está em curso e espera-se que, futuramente, as produções jornalísticas estejam em total concordância com o paradigma da inclusão social.

## REFERÊNCIAS

ARONSON, Elliot; WILSON, D. Timothy; AKERT, M. Robin. **Psicologia Social**. 8. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977.

CAMINO, Leoncio; TORRES, Ana; LIMA, Marcus; PEREIRA, Marcos. **Psicologia Social: Temas e Teorias**. Brasília: Technopolitik, 2013.

**CÓDIGO DE ÉTICA DOS JORNALISTAS BRASILEIROS**. Disponível em:  
<<http://www.abi.org.br/institucional/legislacao/codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros/>>  
Acesso em: 20/09/2020.

- 
- COLLING, L. **Os estudos sobre mídia e eleições presidenciais no Brasil pós-ditadura**. Salvador. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas). Universidade Federal da Bahia, 2006.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GODOY, Arilda. Pesquisa Qualitativa: Tipos Fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo: v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995. Disponível em:  
<<https://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3.pdf>>. Acesso em: 06/09/2020.
- GODOY, L. **Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga**. São Paulo: Nova Alexandria Ltda, 1996.
- KESSOUS, Mustapha. **100 Histórias dos Jogos Olímpicos**. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2016.
- MELLO, Marco; WINCKLER, Ciro. **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- PEREIRA, Guilherme. **Paramídia: A cobertura das Paralimpíadas na TV Aberta**. Florianópolis, 2016. Disponível em:  
<<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/171730/PARAM%c3%8dDIA%20-%20%20GUILHERME%20PEREIRA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 08/03/2020.
- SANTOS, R. **A fonte não quis revelar**. Porto. Ed: Campo das Letras, 2006.
- SILVA, L. H. (2002). **Coubertin e os valores religiosos dos esportes modernos**. In Coletânea de textos em estudos olímpicos, v. 1 Turini, M. & DaCosta, L. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho.
- SILVA, Luciene. **O estranhamento causado pela deficiência: preconceito e experiência**. Revista brasileira de educação. v. 11(33): 424-561, 2006. Disponível em:  
<<https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n33/a04v1133.pdf>>. Acesso em: 31/05/2020.
- TAVARES, Otavio. **Megaeventos Esportivos**. Porto Alegre: v.17 n.3, 2011.
- THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade – Uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo – Porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2. ed., 2005.
- RODRIGUES, Aroldo; ASSMAR, Eveline; JABLONSKI, Bernardo. **Psicologia Social**. 30 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- VIVARTA, Veet. **Mídia e Deficiência**. Brasília: Andi; Fundação Banco do Brasil, 2003.